PRONOMES PESSOAIS ENTRELAÇADOS

ELIAS ARAUJO

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2016

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÁO
Maria Boschi

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663p ARAUJO, Elias. 1970 -
Pronomes Pessoais Entrelaçados / Elias Araujo. -
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2016.

186 p. : 22,5 cm.

ISBN 978-85-5833-057-2

1. Romance I. Título.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Primeiro Capítulo

Eu

...tu ele nós vós eles...

UM

EU sinto imenso frio. O inverno de julho deste ano está mais rigoroso. Nunca antes, pelo menos que me lembre, fez tanto frio como está fazendo hoje. Parece que o clima está adivinhando algum acontecimento na minha vida. Ou talvez esteja só me provocando para ver até onde Eu aguento. Bom, acho que no final das contas não vou aguentar muito. Os que suportam tudo e chegam à etapa final da vida são heróis. Não tenho força de herói. Acho até que virei bandido. Durmo nas ruas. Alimento-me do que me dão. Ou do que Eu roubo junto com meus colegas de *profissão*.

Eles ficaram lá atrás. Sem sono, não consigo ficar parado com meus companheiros de jornada, esta dura e vital jornada. Então Eu os deixo para trás, dormindo nos bancos da praça. E sigo em frente. Eles me alcançarão depois, com certeza. Sempre alcançam. São como lobos seguindo o líder da alcateia. Sabem aonde vou. É o mesmo lugar de sempre, desde que a vida virou vida: a lugar nenhum. Nós sempre caminhamos ao léu, apenas vivendo como a sorte manda. Ou o azar. Não sei muito bem a diferença entre uma

e outro. Quando se cai na rua, nunca se sabe se é para atravessá-la até a segurança do outro lado ou se é para ser atropelado por um carro bacana.

Eu nunca tive nome certo. Quando era pequenininho, lembro que me chamavam de Loirinho e, às vezes, de Sardinha, acho que por causa das sardas no rosto. Não sei bem quem me chamava por esses apelidos. Não me lembro de muita coisa. Mas também nem tenho tempo mesmo para me lembrar. Só sei que não era uma casa, com uma família. Não sei o que era aquilo. Só me lembro de que doeu muito quando cheguei lá. É só do que recordo da minha infância: dor.

Muito remotamente ouço uma menina gritando um nome que, segundo dizem, é o meu de verdade: Eduardo. É uma voz bonita, mas Eu não sei quem grita por mim, não consigo me lembrar do rosto. Não sei. Mas sei que a voz não me ama. Posso não ser um gênio, contudo sei quando uma voz sente amor ou quando sente raiva, desprezo, sei lá que sentimento era aquele, o daquela voz. Mas não era Amor.

Vejo rostos, assim meio misturados com uma névoa escura. São dois rostos e nenhum deles pertence àquela voz. Embora a voz esteja dentro da mesma névoa que povoa minhas recordações de criança muito pequena. Não sei quem são, claro, mas nenhum rosto sente amor por mim. Aliás, creio que os rostos nem me olham. É como se, caso fossem me olhar e me ver, pudessem acabar gostando de mim. Amando-me. No entanto, sinto que eles mesmos recusaram o brilho em meus olhos.

Sei que há lugares bons por aí. Onde as crianças são tratadas com dignidade e respeito e realmente são ensinadas e educadas de forma adequada. Mas acho que não tive muita sorte ao ser deixado naquele lugar. Lembro-me que chorava muito. Tanto que até doía

o peito e a garganta. Depois doeu a barriga: era fome, Eu acho. Doeu o rosto: eram bofetadas para que Eu parasse de chorar. Não me lembro de quantos anos tinha. Também não importa. Já nasci chorando e sendo agredido mesmo. A própria voz que não me amava agredia-me também.

Eu queria continuar chorando. Pensava talvez que alguém viesse me salvar, perguntar por que chorava. Ninguém nunca veio. Mas Eu não queria apanhar mais. Quando apanhava, chorava mais ainda. Então parei de chorar. No entanto, não parei de apanhar no rosto, na barriga, nas costas, nas pernas, nas nádegas. Foi aí que descobri que aquilo era um orfanato.

DOIS

O tempo, o local e a hora são irrelevantes. Aprendi esta palavra faz pouco tempo. Gostei dela: irrelevante. Era o que Eu era, e nada mais: irrelevante. Quem ensinou foi uma professora. Pelo menos isto nós tínhamos lá naquele lugar: escola. Não íamos à escola, mas já que a escola vinha até nós, então ficávamos felizes. A estrutura do lugar fora readaptada para receber as séries iniciais, pelo menos foi isso que ouvi um monitor conversando com a nova professora.

A professora era bondosa, parecia um anjo moreno de sorriso maravilhoso. Foi meu primeiro amor. Eu a esperava ansiosamente todos os dias. Ela chegava, levava-nos para a sala de aula improvisada e falava e ensinava tudo com aquela voz macia, voz de mãe, embora Eu nunca tivesse ouvido uma voz materna. Mas se Eu fosse escolher a voz da minha mãe, certamente escolheria uma voz igual à da professora. Enquanto ela falava lá na frente, ensinando coisas maravilhosas, palavras e números novos, Eu ficava só olhando, contemplando o rosto dela, absorvendo cada ponto final

que ela ensinava. Acho que é por isso que sempre me destaquei na aula. Aprendia tudo rapidamente. E ela se preocupava com os meninos. Não só comigo, o que me fazia morrer de ciúme, porque ela conversava igualmente com todos os moleques do orfanato. Muitas vezes me deixava de lado. Eu corria para o banheiro e chorava de ciúme. No outro dia já estava curado. E continuava apaixonado.

Um dia tive coragem. Ela chegou no horário normal. Corri até ela antes que alguém mais chegasse e atrapalhasse. Eu a beijei no rosto como sempre fazia. Mas não a soltei. Fiquei abraçado fortemente ao corpo dela. Eu estava tremendo, um nó na minha barriga que subia até a garganta. Ela me abraçou também. Eu podia sentir os seios dela se espremendo contra meu rosto. Aquela sensação quente e reconfortante nunca mais saiu da minha cabeça. Eu a beijei de novo, desta vez perto da orelha. E o ouvido dela, tão pequeno e bonito, convidou-me para sussurrar algumas palavras. Então sussurrei:

— Eu amo a senhora.

Ela ficou surpresa, porque se desprendeu de mim delicadamente e sorriu. O sorriso mais maravilhoso do mundo. Segurou meu rosto em suas mãos macias. Pensei naquele momento que ela ia me convidar para ir embora morar na casa dela, que já tinha preparado um quarto para mim, com brinquedos e uma cama macia, com lençóis azuis e cobertores com desenhos do Pica-Pau e do Tom e Jerry. Mas ali mesmo Eu aprendi que as coisas da vida real não funcionam assim, não como nós queremos.

— Eu também amo muito você, Eduardo. — disse ela, e quase chorei de emoção e felicidade. Eu ia morar com ela! Eu amo todos vocês, todos vocês são como meus filhos.

Pois é. Ponto final. Certamente não nos levaria — todos nós — para morar na casa dela. Eu entendi que ficaria ali para sempre, como todos os outros meninos, porque a professora amava a todos

nós da mesma forma. Mesmo assim, Eu continuava esperando por ela. Na verdade, no fundo, nunca tinha perdido a esperança de que fosse me levar. E quando ela não vinha, Eu me sentava à sombra de uma árvore e ficava triste o dia inteiro. Os meninos riam de mim, caçoavam, os maiores me batiam.

TRÊS

O único que não ria de mim era um garoto mais novo do que Eu, recém-chegado ao orfanato. Tinha o rosto triste, os olhos de quem vive chorando, embora Eu jamais o tivesse visto chorar. Simpatizei com ele logo de cara e ele comigo, porque fomos os únicos que não rimos um do outro. Ele começou a me seguir por qualquer lugar que Eu fosse, embora não houvesse muitos lugares aonde ir dentro daquele orfanato feio e sem vida. Às vezes, ia comigo até ao banheiro. Aquilo era ridículo, claro, e éramos motivo de chacota dos meninos mais velhos. Mas no final das contas entenderam e viram claramente que não havia nada demais entre nós dois. Nem Eu nem o meu novo amigo éramos *viados*. Éramos bem machos, normais, e se alguém se engraçasse para o nosso lado, rolávamos pelo orfanato.

O meu novo amigo vivia olhando para o grande portão da entrada do orfanato. Parecia sonhar com alguma coisa que existisse do lado de fora e que talvez ele quisesse alcançar. Mas acho que o que estava do lado de lá era o sonho de todos os meninos. Por pior que fosse lá fora, era difícil ficar ali dentro, sem ninguém que nos amasse, com adultos que estavam ali porque ganhavam para tomar conta de nós, para pôr disciplina em nós, para bater em nós, quando merecíamos. Ou não.

Todos os dias ele me fazia a mesma pergunta, com as mesmas palavras, o mesmo tom, a mesma tristeza, a mesma respiração entrecortada, chamando-me do mesmo modo carinhoso:

www.editorapenalux.com.br

elias.araujo2011@bol.com.br

/elias.araujo.125